

AS PROPOSTAS DO "GRUPO SUL" — ENTREVISTA COM EGLÊ MALHEIROS

Lina Leal Sabino *

Seu nome completo é Eglê Ávila Malheiros e mudou para Eglê Malheiros Miguel com o seu casamento com Salim Miguel.

Eglê Malheiros — (Tubarão), único elemento feminino dentre os iniciadores do Grupo Sul foi imitada por outras moças de Santa Catarina, que também aderiram ao movimento modernista. Eglê participou do Grupo Sul durante todo o tempo em que este durou, sendo a presença feminina mais marcante deste movimento.

LINA LEAL SABINO — Qual a sua formação escolar?

EGLÊ MALHEIROS — Fiz o curso Ginásial no Colégio *Coração de Jesus*, de Florianópolis e comecei o Curso Colegial no *Colégio Americano*, de Porto Alegre, vindo a concluí-lo no Colégio *Bom Jesus*, de Joinville. A nível superior diplomei-me pela Faculdade de Direito de Florianópolis e prossigo meus estudos, sendo atualmente mestranda em Comunicação na ECO (Escola de Comunicação), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Encontro-me em fase final do Curso, esperando a aprovação de minha Dissertação de Mestrado: *Literatura e Cinema*.

LLS — A quantas andava a Literatura, a Arte em geral, no começo do Após-Guerra, em Florianópolis?

EM — O ambiente cultural era modorrento e acomodado; a Guerra interrompera o intercâmbio com a Europa, cuja cultura (mormente a francesa) era olhada como modelo a ser suspirosamente imitado. Aqueles que já vinham fazendo coisas com raízes locais não recebiam o respeito merecido, muitas vezes nem deles próprios (numa auto-depreciação que é característica do processo de colonização cultural).

LLS — No seu entender, não se dava a necessária importância ao que era catarinense?

EM — A situação era aparentemente paradoxal. De um lado o Estado vivia fechado dentro de si mesmo, em várias ilhas culturais que nem ao menos se interrelacionavam. O ambiente era altamente provinciano, ao trabalhador intelectual cabia servir o poder e dar brilho à sociedade. Desse ponto de vista, quase que só o que ocorria em Santa Catarina interessava, e os parâmetros para julgar a produção cultural eram estritamente locais. Por outro lado, os modelos seguidos, a inquietação (ou ausência dela) que norteava o trabalho, os objetivos propostos, refletiam uma influência européia não questionada, aproveitada sem o necessário balanço crítico.

Foi nisso tudo que o *Grupo Sul* buliu. Pensar Santa Catarina, expressar Santa Catarina como parte de um todo mais amplo, o Brasil. Ver esse Brasil numa perspectiva de nação dependente, que tem de brigar para afirmar sua identidade cultural, levar em conta os valores universais da cultura humana. Num lugar qualquer escrevi nessa época um verso: "Da minha ilha isolada/eu bradei por irmãos". Era isso que fazíamos, procurávamos irmãos aqui, por outros Estado, pelo mundo inteiro.

Como você vê, a situação era paradoxal na aparência: eram aspectos de uma mesma realidade, que hoje já se mostra, em parte superada. Mas não devemos esquecer que a superação é ainda parcial. A tônica que sentimos em certos segmentos do setor cultural catarinense de valorizar a qualquer preço só o que é catarinense, o que é feito em Santa Catarina, por gente de Santa Catarina, ou naturalizada *catarinense*, usando um acidente geográfico como critério básico de valoração não só me deixa muito preocupada como demonstra que o processo está longe de ter chegado ao fim.

LLS — Poderia nos falar acerca de como o Grupo Sul se formou?

EM — A gente se encontrava para bater papo, ver um filme bom, erguer castelos, falar de teatro (o Teatro Álvaro de Carvalho era cinema naquela época). Resolveu-se dar um nome àquele

conjunto de inquietações e procuras, em que Mário de Andrade era uma bússola, e surgiu o "Círculo de Arte Moderna; o 1º espetáculo teatral propiciou o dinheiro para o primeiro número de Sul.

Não havia normas para pertencer ao *Grupo Sul*; é evidente que as pessoas afinavam em torno de alguns objetivos básicos a serem atingidos. Assim, não creio que um fascista se sentisse bem entre nós, ou que alguém com um projeto elitista de cultura, partidário da "arte pela arte" gostasse de nosso trabalho. Aqui, nesta entrevista não cabe analisar os acertos e desacertos e em que medida alcançamos o que nos propunhamos. Hoje por certo teríamos mais clareza e instrumentos de ação mais definidos, e mais defesa contra as tentativas de amaciamento por parte do poder. No entanto, nossa admiração por Cruz e Sousa ajuda a definir nossa proposta. Afóra esses objetivos básicos a liberdade era geral, e convivíamos em franca camaradagem, crentes e incrédulos, torcedores de todos os times, ativistas e contemplativos. Mas de qualquer maneira gente que se propunha a realizar e transformar e respeitava na prática a liberdade de opinião. A pessoa valia pelo que era, por sua autenticidade. Não discriminávamos ninguém, nem temíamos ninguém. Éramos abertos a tudo, tudo analisando no sentido de ter uma visão o mais ampla possível e contribuir para o alargamento cultural.

LLS — Quais as razões que a levaram a integrar o Grupo Sul?

EM — Quando cheguei a Florianópolis, nas férias, encontrei aqui, guardadas as proporções, a mesma febre realizadora da juventude que vivera a vitória contra o nazi-fascismo, a queda da ditadura, a embriaguês de poder discutir, discordar, buscar caminhos, que havia em Porto Alegre. Ainda colaborei na *Folha da Juventude* dali para *Sul* era uma decorrência natural.

LLS — Teria algum episódio a nos narrar acerca de como integrou o Grupo Sul?

EM — Há pouco tempo um amigo lembrou-se de me perguntar como eu me sentia, sendo mulher, ao participar de tantas atividades que, na época, em geral eram reservadas aos homens. Mais uma vez surpreendi-me, pois eu achava muito natural, o de estranhar seria não agir. Claro que minha família era aberta, de

idéias avançadas; minha mãe procurou nos educar como meu pai gostaria. Além disso, desde pequena eu aprendera a tomar responsabilidades e a levar as coisas a sério; eu era muito mais séria na juventude do que agora; a vida fez com que meu senso de humor aumentasse.

LLS — Quais as atividades que desenvolveu?

EM — Particpei do teatro, do clube de cinema, do filme *O preço da ilusão* (Salim e eu fizemos o argumento e o roteiro do filme), da Literatura. Só das artes plásticas que não.

LLS — Teve trabalhos(s) publicado(s) pelo Grupo Sul? E fora dele?

EM — *Manhã* e colaborações na "Sul". Fora do Grupo SUL: colaborações no *O Estado*; *Roteiro*; ensaio sobre Cruz e Sousa no volume *Interpretações (centenário de nascimento do poeta)*; colaborações no *O Globo* (Rio); *Ficção*; traduções literárias e técnicas para várias editoras e revistas. Fiz também um trabalho de pesquisa sobre literatura infanto-juvenil para a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Fiz parte do grupo que fundou e editou a Revista *Ficção* (1976-1979), no Rio de Janeiro.

LLS — No seu entender o Grupo SUL teve líderes? Quais? Caracterize estas lideranças.

EM — Concordo em grande parte com a resposta do Salim Miguel, quando diz que o Grupo Sul não teve líderes, no entanto faço uns reparos. Por exemplo, no setor de teatro, embora houvesse um trabalho coletivo, a "garra" do Ody Fraga era essencial para vencer os obstáculos, para teimar e conseguir realizar alguma coisa. No que toca à Revista e às Edições, o "pé-de-boi", o que sempre arrumava tempo, o que se entregava por inteiro era o Salim. Ele por certo ficará brabo com o que digo, mas é verdade.

LLS — O que significou, na época, o Grupo SUL para você?

EM — Sempre achei que o maior crime que se pode praticar contra a juventude é apresentar-lhe o mundo como pronto, acabado, intocável. O Grupo SUL foi a reunião de pessoas que consideravam que as coisas estavam por fazer e que podiam ser feitas. Foi uma abertura para o resto do Brasil e para o mundo. Um passo nessa caminhada, ainda longe do fim, em prol de uma cultura nacional e popular. Caminhada com hesitações e tropeções, mas que vai revelando ao Brasil sua própria face, num processo de descolonização cultural feito ao arremedo dos interesses dos donos do poder.

LLS — O que significa o Grupo SUL para você, hoje?

EM — Pode parecer paradoxal, mas hoje o Grupo SUL me parece mais importante do que naquela época. O trabalho realizado era feito para responder a uma necessidade interior, assim como o respirar é essencial para a vida mas dele não se tem consciência a todo instante. Éramos ativos, mas éramos modestos, sinceramente modestos. Nunca paramos para um balanço e só há bem pouco tempo, quando nos entrevistaram e nos pusemos a remexer velhos papéis, Salim e eu constatamos surpresos: "Mas a turma de Sul fez tudo isso?" Apesar de julgar importante o que foi feito, continuo com o mesmo ponto de vista de então; não é nem um grão do que precisa ser feito, do que urge ser feito. Na verdade, o trabalhador cultural, num país como o Brasil, não vê o rendimento de seu trabalho, não tem resposta de seu público, já que a maioria dos brasileiros é expatriada em sua própria Pátria.

LLS — Depois do Grupo SUL, continuou a envolver-se com a Literatura?

EM — Durante o tempo de SUL estudei, fui professora, mãe, lutei também politicamente contra a dominação. Depois de SUL tudo continuou, a Literatura também, já que é a minha forma de criar. Para mim a criação artística é uma maneira de interrogar, de buscar respostas e construir pontes, que nos unam uns aos outros e ao futuro.

SABINO, Lima Leal. O Grupo Sul. Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina a obtenção do grau de Mestre em Letras — Literatura Brasileira, 1979.